Revista de Livros

(2016) Ana Paula Martins Goulart, *Nem tudo no mar é água*, Lages do Pico, Companhia das Ilhas.

por Manuel Tomás

O Canal é mais do que a água correndo entre as duas margens, é o traço de união entre dois lados da mesma terra, como queria Dias de Melo. E é por causa dele que existe mesmo uma Comunidade do Canal, como disse Tomaz Duarte, comunidade viva e actuante diariamente e pelas mais variadas razões e emoções.

Nem Tudo no Mar é Água, de Ana Paula Martins Goulart, editado pela picarota Companhia das Ilhas, navega os dois lados do Canal em mares de todos os encontros e de alguns desencontros.

Apresentaram-me, conspirativamente, um conjunto de contos para eu ler, exactamente, quando me preparava para atravessar o Canal e eu li, sem parar, mesmo em diagonal interessada, eu li um romance de personagem, de uma narradora autodiegética, omnisciente, controladora da narrativa, apesar de ser a menor na hierarquia dos tamanhos ("pequenos, médios e grandes"). Era a vida dos "altos" que determinava a diversificação dos períodos de vivências. convivências e actividades, tanto no Faial como no Pico - "o Pico é o Faial com aventura" –, mas a narrativa é a da miúda mafaldina que vê os outros de acordo com os seus interesses e de tudo o que vive e gira à sua volta guarda uma fabulosa memória que ultrapassa a realidade, dá um cunho ficcional, embora, às vezes, a história não seja mais do que o relato pormenorizado da vida quotidiana de uma época histórica longínqua, no primeiro momento da leitura, obrigando-nos a pensar e a ter de ir buscar explicações para termos, usos e costumes de outrora, mas depois avivando-se pelo realismo visualista que a boa escrita nos proporciona, apoiado na arte de uma certa expressão atrevida, insinuante e controladora da vida dos outros sob a sua perspectiva

NEM TUDO NO MAR É ÁGUA

Ana Paula Martins Goulart





de relato e de análise, à imagem de uma *Mafalda* faialense, mulher do Canal e profunda conhecedora de todo o universo das duas ilhas, mesmo que sob essa forte lente perspicaz da fantasia de uma criança.

É uma narrativa aberta que pode crescer ou ficar por aqui, mas nunca se esgota quer na vontade da autora empírica e textual quer na imaginação ou memória do leitor

A linguagem deste livro é rica de expressões típicas do meio onde se insere, recupera muitas palavras, algumas para mim já esquecidas, mas também reanimadas com a leitura e sábias contextualizações achadas pela autora para consolidar o realismo das situações e das personagens, todas elas nomeadas como na vida o foram. Linguagem escorreita e muito sugestiva. Às vezes, basta uma simples frase afinada e afiada para caracterizar uma personagem desta Comunidade do Canal, com o rigor que todos lhe reconhecemos. Por exemplo: "Ora, o senhor João do Talho era conhecido pelos seus bifes, como pelos seus ditos certeiros e irreverentes." (Ora, está ou não está tudo dito?) Este livro é muito expressivo a registar elementos da linguagem usada, em terra e no mar, por estas bandas e, como é natural do *tanto* falado modo de falar de cá ("tantas prendas, tanto lindas!"). É, segundo a declaração da autora, um intencional contributo para aquilo a que ela designa por "globalização interna" dos diferentes falares de Portugal que, normalmente, os grandes dicionários desconhecem.

Aqui encontramos todo o universo da intervenção da narradora, personagem principal, as suas aventuras e desventuras, a sua relação com os outros, os pequenos, os médios e os grandes, a relação com uma das interlocutoras preferidas, companheira de todos os momentos e adjuvante inexcedível, embora nem sempre de acordo com as intenções da narradora, a avó, mas sobretudo a forma de intervenção da personagem principal, autora textual e empírica, que quando chega interrompe a vida dos outros porque tem sempre algo a dizer, a perguntar, sob a perspectiva do seu interesse particular, não deixando de, nas suas íntimas considerações, usar bastantes doses de ironia.

Vi neste livro uma pequena *Mafalda* e, outras vezes, *O Princepezinho* ou *Meu Pé de Laranja Lima*, e ainda *Mataram a Cotovia* e um pouco de Almada Negreiros nas respostas de menina rebelde acerca da realidade que se reinventa quando nos dá jeito, como é o caso do dinheiro "achado" e à procura de

dono, sem que essas leituras retirem qualquer pedaço de originalidade ou de interesse literário à maneira de contar tantas memórias de infância.

Este livro provocará sempre leituras muito diferentes, consoante o local (e a hora) em que se encontrar o leitor. Se o contexto for o da Comunidade do Canal e ainda restar ao leitor alguma memória dos tempos do primeiro quartel da segunda metade do século vinte, há-de querer encontrar lembranças da vida vivida na cidade da Horta, no Calhau e no Monte, há-de querer atravessar o Canal no Santo António, ou mesmo na Calheta, mas há-de guerer ver sempre uma recordação das coisas desse tempo, apontará diferenças e semelhanças, mas encantar-se-á com todas estas memórias contadas por quem as viveu em criança. Se o contexto for outro, a leitura caminhará facilmente pelos caminhos da ficção, e o encanto não será menor, porque saberá encontrar referências culturais suficientes para a leitura ou pura e simplesmente na ficção achar-se-ão verdadeiro prazer do texto que a narrativa transporta. E a este propósito, refiro o livro A Senhora dos Acores de Romana Petri, que tirando a tradução da nossa angelica por "angélica" e a estranha expressão de "monte do Pico", em vez de montanha do Pico, me mereceu uma leitura de ficção, tal como na Itália, onde foi premiado, enquanto nos Arcos de Santa Luzia não passou de um relato de umas vivências dos locais e de um certo emigrante de férias e de seus amores fiéis, posteriormente alterados em Regresso à Ilha, (mais ficção!) da mesma autora, com visão mais restrita e muito menos simpática que a de Paula Goulart, aliás tal como Antonio Tabucchi que achou o Pico, mesmo se tivermos em conta o ano da "sua" descoberta, demasiado acanhado e tacanho para aquilo que a realidade já mostrava na época. O exotismo da paisagem e das gentes visto de passagem, e já previamente configurado como "coisa rara", nem sempre é bem recuperado por uma perspicácia e por um entendimento à maneira elevada de um Raul Brandão.

Nem Tudo No Mar É Água será, pois, um romance de não-ficção. Uma narrativa com recursos a técnicas literárias para contar histórias reais, como é o caso do romance de Truman Capote, A Sangue Frio. Segundo acrítica terá sido este romance a iniciar este género de narrativa, sendo considerado a obra-prima do romance não-ficção.

O Canal, que é muito mais do que a água que nele corre entre duas margens, de uma terra que já foi única, pois já estivemos ligados, entre o Cais do Mourato e o Monte da Guia, não há assim tantos milhares de anos como Revista de Livros 621

isso, agora até tem uma Associação de Amigos que quer salvar-lhe o património em amarga morte lenta. Nem Tudo No Mar É Água, de Paula Goulart é também um precioso contributo para a preservação desse património e lá até navegam heróis da nossa memória colectiva, muitas pessoas e todos os barcos dos três portos da Fronteira – Santo António, Caridade, Manuel José, Picaroto, Rival e Adamastor –, já quase todos desaparecidos ou a morrer de vergonha sobre o seu ventre esvaído pela corrupção do tempo e da inteligência de quem não consegue ver que a memória do que fomos é uma garantia de sabermos o que somos.

E muita dessa memória está bastante bem preservada e magnificamente contada neste livro que merece ser lido com a graça que devemos pôr nas coisas boas que a vida tem.